

Pedro Mexia

NADA DE MELANCOLIA

Crónicas



Prefácio de
Miguel Esteves Cardoso

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVIII

As crónicas reunidas neste livro foram originalmente publicadas na revista *NS*, suplemento do *Diário de Notícias* e do *Jornal de Notícias*, entre Janeiro de 2006 e Abril de 2007.

© 2008, Pedro Mexia e
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Nada de Melancolia*
Autor: Pedro Mexia
Prefácio: Miguel Esteves Cardoso
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Dezembro de 2008

2.ª edição: Abril de 2009
ISBN: 978-972-8955-88-5
Depósito Legal n.º 285653/08

ÍNDICE

PREFÁCIO

O gentil homem II

Porque hoje é sábado 17

O Pato Donald 23

Algum amarelo 26

Barba na cara 29

O bucha estica 32

Obélix do romantismo (1) 35

Obélix do romantismo (2) 37

Capitalismo tardio 41

A cadeira vazia 44

Barreiro 47

A caixa de fósforos 50

O choque de narizes 52

Os filisteus 55

Galhetas 58

O casamento

dos heterossexuais 61

Crescer e multiplicar 64

O macho alfa 66

Daquelas sem maminhas 69

Documento 72

As coisas acontecem 75

Caniches 81
O espelho deformante 84
Patricia Villanueva Mavila 86
O evangelho de Judas 89
Todos em verdade 92
Os símbolos de a nação 95
La France 98
Estocolmo 101
O coelho químico 104
Visível escuridão 107
Canários nas minas 110
Composto de mudança 113
O elogio 116
Richter 119
A neta de Pavlov 122
Gabriel na eternidade 125
O amor muda (tudo) 131
Eu devia ter tido mais juízo 134
Esta noite morri nos teus braços 137
Ainda te amo /
queria mais é que chovesse 140
A desobediência civil 143
Whoa 146
Juventude em marcha 149
A Barbie e a barbárie 152
Marie Antoinette 155
Adrienne Shelly 158
O anjo da guarda 161
Noites londrinas (1) 164
Noites londrinas (2) 167

A nostalgia cidadina 173
Stop 176
Café não é café 179
Dinheiro na algibeira 182
Beijar na balada 185
64 posições 187
Santa Maria 190
Cromos 193
A educação 196
Exames 198
Os pequenos torcionários 200
O crime compensa 203
A amiga feia 206
Contra a sinceridade 209
Os jogos 212
Santo António dos Cavaleiros 215
Os bonecos animados 218

PREFÁCIO

O gentil homem

COMO SE ELOGIA UM ESCRITOR que não gosta de ser elogiado? Ainda por cima, é o elogio a minha especialidade. Para não dizer única. Que faz então um *one trick pony* como eu diante de um livro que clara e sinceramente merece ser elogiado?

A clareza e a sinceridade costumam ser brutais ou, no mínimo, desconcertantes. Em Pedro Mexia são elegantes e comoventes. Para outros escritores mais estoira-vergas (daí ser fascinante ler Mexia a ler Céline), essas duas virtudes poder-se-iam dizer as armas principais deles.

Mas Pedro Mexia jamais poderia ter armas. Toda a terminologia bélica do costume — ataca; defende; dilacera; confronta — é grosseira de mais para descrever o que a escrita dele faz. Que é, sobretudo, deixar-se escrever; ser escrita; deixar-se ficar escrita.

É difícil esta escrita pura mas é a que dá mais gosto ler. Porque não se sente sequer que se esteja a ler. Parece haver uma transmissão directa de pensamentos; de devaneios; de acessos de sensibilidade ou de experiência.

Para escrever com tanta claridade é preciso escrever muito bem. A claridade não é um dom que se permita a quem não o faça. Pedro Mexia escreve muito bem. É uma rapidez límpida que tem, ao mesmo tempo, a excitação da corrida de um rio e a tranquilidade reveladora de um espelho de água.

Deixa ver o fundo — as pedrinhas, os seres, as plantas — com uma nitidez que brilha como se não existisse água por cima.

Mas, apanhando o sol de certas maneiras (certas no sentido de verdadeiras), a mesma água torna-se numa superfície reflectora que só mostra o que está por cima dela. Tudo.

É assim a escrita de Pedro Mexia. Da clareza não fala ele neste livro — ficava-lhe mal — mas sobre a sinceridade e os elogios escreveu duas crónicas maravilhosas. E assustadoras para o prefaciador exagerado e elogiador. Mas aqui vai disto, muito bem pesado e reprimido.

Quando escrevi que este livro «clara e sinceramente merece ser elogiado», a frase parece feita: robótica, preguiçosa. No entanto, depois de se ver a importância da clareza e da sinceridade em Pedro Mexia (e a repugnância dele pelo elogio, mesmo sincero), aquela frase traduz exactamente o meu projecto para este prefácio.

Gosto de ler o Pedro porque ele não é mentiroso e não se importa de passar por tarado sexual ou turista ou reaccionário. Ele é um crítico doce da vida. Isto é: vive-a e aprecia-a e toma nota dela com uma lealdade encantadora.

A melancolia do Pedro não é a melancolia da recusa, do fechamento ou da desistência. É uma melancolia que sabe bem, porque sabe porque sofre e, muitas e engraçadas vezes, sabe o que seria capaz de interromper e resolver esse sofrimento: uma mulher bonita ou um livro ou uma lembrança que chegasse mais cedo.

Geralmente é a mulher bonita. Pedro Mexia é um perito de beleza. Não sei se ele tem um daqueles óculos de joalheiro — mas desconfio que não; que não precisa. É uma alegria lê-lo a falar de mulheres. Não as inventa — inventaria-as. Não as escreve como se não fossem humanas — descreve-as.

E, por maior que seja a tara, é sempre um *gentleman*. Ou seja, um homem. Mas um homem terno, pacífico e leal: um gentil homem. É que, ao contrário do que se pensa, os *gentlemen* não men-

tem. Nem fazem batota. São claros no que querem e no que consentem. E esta é uma definição que assenta (tem de ser) como uma luva à escrita do Pedro.

A melancolia, quando é tão fina e bem apanhada, é tudo menos deprimente. O mesmo acontece com outra área de perícia do Pedro: a nostalgia. É um mestre da genuína saudade portuguesa, que, como suspiro, tem tanto de prazer como de mágoa.

Fica-se feliz de ler as saudades dele. Algumas destas crónicas, escritas sobre o precipício, serão inesquecíveis: por exemplo, sobre o Café Império que vai fechar no dia seguinte ou sobre terem acabado os telegramas antes de ele ter podido escrever um.

A sinceridade verdadeira — que não procura exagerar sentimentos que lá estão para lhes dar mais força — não é anti-romântica. É um pleno romantismo achar que chegam e sobram as coisas que se sentem e que se passam à nossa volta.

Só para dar o exemplo maior: a expressão de *regret* do Pedro — tanto do que não viveu, já viveu ou está a viver — é das mais fiéis e bonitas que se podem ler, em qualquer tempo, em qualquer língua.

Estas crónicas mostram que o tempo passa mas também mostram que é no passar que o tempo tem graça. Não sei que pacto com o diabo fez Pedro Mexia para acompanhar o tempo nessas suas idas e revindas. Mas também o tempo teve sorte por ter arranjado um tão fino e fiel amanuense.

O PATO DONALD

GOSTAVA MUITO de ter uma voz de homem. Tendo em conta que sou homem, acho que é um desejo legítimo. Infelizmente, há muitos anos que tenho uma vozinha que lembra menos um macho da espécie do que o Pato Donald num dia mau. E isso, como dizia o outro, é uma coisa que me chateia.

No início da adolescência, eu tinha uma voz igual a todos os rapazes. Uma voz de puto, nada incomum, mas que estranhamente me serviu de trunfo canoro. Em catequeses e coisas assim punham-me como pequeno cantor de Viena. E eu geralmente fazia boa figura. Depois, alguém me alertou para a fatal mudança de voz, um sintoma da idade adulta cujos contornos exactos eu desconhecía. Resultado: fiquei sem voz musical e ganhei uma fraudulenta voz de adulto. Primeiro cana rachada. Depois uma espécie de tosse aos sacões. E depois isto: voz de Pato Donald.

Sei que apenas nos apercebemos da nossa voz quando a ouvimos do lado de fora. A voz que ouvimos quando falamos é mais cava porque ecoa cá dentro e se confunde com esse eco; é como se ouvíssemos o lado de dentro da nossa voz. Quando a ouvimos do lado de fora, nua e objectivada, ela é mais aguda e mais verdadeira. Eu ouvi pela primeira vez a minha voz tal como ela é num decrépito gravador de chamadas, há uns 15 anos. E tudo em mim se revoltou contra aquela momice grotesca. Eu não falava assim, num quaquá de miudinho, tremelicante e pateta. Sucede que toda a gente garantia que a minha voz era exactamente assim, como na

endemoinhada máquina de fitas magnéticas. Eu que me conformasse.

Não me conformei. Continuei negando veementemente que eu fosse aflautado e pueril como naquela gravação, mesmo depois de ouvir outras gravações iguais. Às vezes, ficava surpreendido no meio de uma conversa, como se fosse ouvinte de mim mesmo, e pensava: «Aquele gajo parece o Pato Donald.» Uma coisa meio nasalada, meio deslizante, sempre sem encontrar a colocação mais acertada. Eu fazia, a custo, voz de gajo crescido. *Voz de voz off*. Dava um jeito à laringe e à maçã-de-adão para que soasse um nadinha mais masculino. Sem resultado. Só quando estou altamente gripado (como agora) é que tenho uma voz grossa e apresentável. Uma voz de homem.

O problema de ter voz de Pato Donald é que as pessoas nos julgam logo pela nossa voz. Há quem tenha vozes aveludadas, vozes percucientes, vozes profundas ou vozes com grão. E isso transmite uma ideia e um desafio. Quase queremos imaginar uma pessoa pela sua voz, e há mesmo quem tenha uma voz tão atraente que supere a sua fealdade congénita e outros defeitos. A nossa voz é mais de metade da nossa apresentação aos estranhos: se for especialmente estridente ou desagradável, se lembrar o Pato Donald, então não há salvação possível.

Felizmente uma pessoa quase consegue esquecer a sua voz, excepto nos momentos em que tem de discursar em público. Ou quando mete conversa com o sexo (no meu caso) oposto. Nesses momentos, por mais impecável que seja o texto ou mais sublime a motivação, um Pato Donald não escapa à sua condição de Pato Donald. Tudo o que diz (tudo o que digo) soa assim ameninado e idiota, como se estivesse a fazer uma caricatura de alguém. Uma voz de homem é uma voz cheia, estável, que transmite con-

fiança. Uma voz de Pato Donald é um desenho animado de gente, uma espécie de avaria numa garganta que nunca acerta com o tom e som das palavras. É um vagido que nem chega a ser gutural, de tão infanto-contagioso.

Até fico com vontade de apanhar uma valente gripe (como agora) para conseguir a voz de homem que há tantos anos me foi prometida.

DOCUMENTO

OS BRASILEIROS GARANTEM que «tamanho não é documento». Julgo que não é um provérbio de natureza sexual, mas funciona que nem ginjas nesse domínio. É que existe uma verdadeira obsessão global com o «tamanho». E uma dúvida sobre se esse tamanho é «documento». Os homens temem que sim e esperam que não. As mulheres dizem que não e acham que sim.

Desde a adolescência, com a miudagem nos balneários a medir o seu coiso, que as dimensões do dito são uma preocupação constante. A gente sabe que teoricamente tamanho não é documento, ou seja, que não impede ou potencia nada de especial, desde que esteja «na média» e seja usado com «competência». Mas o que é isso da «média»?

Numa crónica eurocéptica, contestei a mania legislativa da União, que chegou a decretar o tamanho médio do preservativo europeu; o que no fundo significa o tamanho médio do pénis europeu. Houve indignações e protestos. Há dias, apareceu nos jornais um estudo sobre «o tamanho médio do pénis português», suscitado pelo livro do sexólogo Nuno Monteiro Pereira chamado *O Pénis — Da Masculinidade ao Órgão Masculino*. Segundo a notícia, o dito volume estuda «a identidade, o culto e as características deste órgão». Eu as «características» conheço mais ou menos, dado o inevitável e desagradável contacto. A «identidade» não sei o que seja, e não me agrada nada a ideia de que o meu pénis possua uma «identidade». O mais interessante, no entanto, é a parte do «culto».

É que se trata verdadeiramente de um culto. Dos monumentos fálicos dos povos antigos aos símbolos fálicos dos psicanalistas, o culto do pénis é uma constante civilizacional. Os homens são, como dizem as feministas, «falocêntricos». O coiso é o centro do universo. Assim sendo, não admira que os moços se apoquentem com a ideia mítica de que o tamanho é documento. Tanto mais que as mulheres mentem descaradamente em público, quando dizem que isso não importa coisíssima nenhuma.

O estudo de Nuno Monteiro Pereira concluiu que «o comprimento médio do pénis português é de 9,85 centímetros, quando flácido, e de 15, 82 centímetros, em estado erecto» (adoro o detalhe dos milímetros). Nesse dia, vi magotes de homens gravitando em torno desta página de jornal, comentando, galhofeiros ou indignados ou inquietos, a investigação peniana. Que era pouco. Que era muito. Que não importava. Que o tamanho «quando flácido» não convencia ninguém.

Aliás, a notícia dava conta da insatisfação dos machos lusitanos com o seu apêndice. Não apenas os titulares de «micropénis» (6,2 flácido e 10,9 erecto) e de «pénis pequenos» (6 a 8 em flacidez, 11 a 13 erectos) que até têm vergonha de despir a cueca; mas também os proprietários do «pénis exagerado» ou do «megapénis» (13,6 em descanso, 19,5 contente) que magoam as companheiras. Os micros são três por cento da população e os pequenotes 18 por cento, o que significa que mais de um milhão de portugueses apagam a luz embaraçados antes de desembainharem o membro viril (ou antes: não especialmente viril). Por outro lado, só cinquenta mil portugas têm um margalho nas calças, e muitos preferiam uma natureza menos pródiga.

Ou seja, ninguém está contente. Nem sequer aqueles que têm o «pénis médio português», que mede 15,82 centímetros.

A «masculinidade» a metro é realmente documento, mesmo que as mulheres mintam que não. A matulagem, como aquela que causou grande alvoroço em torno do artigo, acha que o documento é o documento mais importante do mundo. A abundância de números e estatísticas sugere mesmo que andamos todos de reguinha, como putos no liceu. E depois, como no liceu, dizemos que o defeito é da régua.

AS COISAS ACONTECEM

DE VEZ EM QUANDO, há gente que manifesta a sua incredulidade face a algumas coisas que conto. Que aquilo é invenção minha. Mas eu escrevo pouca ficção, e mesmo a minha ficção não é muito ficcionada. Nos meus textos, gosto especialmente de reproduzir situações, conversas, acontecimentos insólitos. Ando sempre atento a isso, onde quer que esteja, e depois vou contando os episódios. Viver numa cidade tem esse fascínio: estão sempre a acontecer coisas.

Há dias, na mesma noite, tive duas experiências altamente estranhas. Duas manifestações (como disse um amigo meu) dos impulsos mais primitivos da espécie. A primeira situação aconteceu numa sala de cinema. Um multiplex, na sessão da meia-noite, numa comédia romântica fraquinha. Na sala, cinco pessoas, a contar comigo. Dois homens nas filas da frente, e um casal na última fila. A fita ia decorrendo, previsível e sem graça, quando eu ouço ruídos que não vinham do filme mas da última fila. O homem estava ofegante, num espasmo que não podia ser asma nem coisa que o valha. O zumbido era tão intenso que começava a perturbar o visionamento, embora a sala fosse imensa e a gente quase nenhuma. Espreitei pelo canto do olho. O fulano estava de cabeça caída no assento. E a menina que o acompanhava não se via, embora estivesse indubitavelmente lá, embora mais abaixo. Ainda duvidei que fosse aquilo, mas era mesmo. Aliás, quando os prolegómenos terminaram, a moça apareceu de novo e (desculpem o termo) montou

o sujeito. Eu estava incrédulo e embaraçado, só espreitava a cena muito de lado, mas suficientemente para ver vultos, movimentos. Chegados à terceira bobine, o casal fornicava intensamente num multiplex conhecido da cidade de Lisboa. A gente pensa: isso só acontece no cinema, ou em salas de província, ou em cinemas porno. Mas, meus amigos, com estes (esquinados) que a terra vai comer, eu vos garanto: havia ali intercurso, e dos valentes. Os homens da frente nunca se viraram para trás, nem apareceu nenhum zeloso funcionário, mas eu, que estava a poucos metros do casal, fiquei naturalmente mais interessado neles do que na frouxa comédia. No fim (que eles foram rápidos) ouvi bocados soltos da conversa deles. Percebi que mal se conheciam.

Acabado o filme, saí logo, porque achei que era indelicado ver a cara deles (quando eles entraram já a projecção tinha começado). Aí está uma coisa que não acontece muito, pensava eu, alguém no ciclópico acto mesmo ali ao lado. Tão natural como as pipocas. Matutando nisso, entrei num táxi e disse a minha morada. Dois minutos depois, a meio de uma rua, o táxi começou a abrandar e parou. Olhei para o retrovisor e vi que o taxista tinha adormecido. Ali estávamos, parados na Praça de Espanha às duas da manhã. Acordei o homem e disse que continuasse. Ele continuou, mas quase sempre de olhos fechados, a morrer de sono. Pensei em saltar do táxi no primeiro semáforo. Chegados a um semáforo, enquanto eu não decidia, o vermelho passou a verde. E o táxi não arancou. O homem, corpulento e com um gorro, tinha adormecido de novo. Ainda o espicacei o suficiente para ele me deixar em casa, e ele, claro, negou que tivesse sono. Mal pus o pé em terra imaginei que aquele taxista, saído de um filme de terror como o outro casal tinha saído de um filme para adultos, seria um perigo pela noite dentro. Como se andássemos de boleia com a morte.

E assim, numa noite normal, normalíssima, acontecem coisas. Dois encontros com os impulsos mais primitivos da espécie, o sexo e a morte. Um casal que ignora as conveniências e se come num cinema. Um taxista que ignora os deveres e adormece ao volante. As coisas acontecem. Escrever crónicas é apenas estar atento.